



Parte da equipe do Núcleo de Ensaio Clínicos, que atendeu cerca de 1.100 pacientes voluntários no ano passado

## Área de Pesquisa Clínica desenvolveu mais de 120 estudos em 2018

**F**oram mais de 120 estudos realizados, beneficiando aproximadamente 1.100 voluntários, o que corresponde a cerca de 4% dos pacientes ativos do INCA. Este é o resultado da atividade da Divisão de Pesquisa Clínica e Desenvolvimento Tecnológico praticada em três unidades do Instituto - HC I, HC II e HC III - em 2018. Este ano, a ideia é expandir o número de atendimentos e apresentar os resultados do trabalho em congressos da área, o que contribuirá para o avanço da pesquisa no campo do tratamento oncológico.

A maior parte dos estudos desenvolvidos pelo Núcleo de Ensaio Clínicos no último ano empregou os diferentes tipos de imunoterapia (que estimula células de defesa do corpo e tem efeitos colaterais diferentes da quimioterapia clássica) ou terapia-alvo (contra alterações específicas das células cancerígenas). O primeiro tratamento, ainda não disponível no Sistema Único de Saúde (SUS), pode vir a ser incorporado para uso na rotina dos pacientes a partir de resultados positivos identificados nas análises.

“Estamos trabalhando para aumentar o número de estudos nas mais diversas indicações

e, dessa forma, ampliar o recrutamento e a inclusão de voluntários. Incluímos pacientes, por exemplo, no estudo que avalia o tratamento adjuvante [após a cirurgia] do melanoma com imunoterapias”, informa Andreia Melo, chefe da Divisão de Pesquisa Clínica e Desenvolvimento Tecnológico.

Outros tratamentos também são utilizados pela equipe para tipos de câncer como de pulmão, melanoma, mama, tumores do trato gastrointestinal, gênito urinário, ginecológico e hematológico. Além de trazer novas possibilidades de terapias aos voluntários, os estudos clínicos capacitam os médicos, enfermeiros e demais profissionais envolvidos no processo.

A prática colabora ainda para colocar o Instituto em posição de destaque no cuidado do câncer no cenário nacional. Em atuação desde os anos 1990, a Divisão hoje desenvolve estudos em parceria com outros centros nacionais e internacionais.

“O Brasil é muito bem avaliado internacionalmente pela qualidade dos dados aqui gerados e pela excelente retenção dos participantes nos protocolos de pesquisa”, afirma Andreia.